



APRESENTAÇÃO

Mulheres do Campo, das águas, florestas e cidades: *Diversidade, Educação e Feminismos*

Hoje os tempos estão difíceis, mas estar próxima daquelas mulheres, e conhecer outras que chegaram, fortalecem as falas e os encantos, e podemos dizer que existimos e resistimos aos tempos de escuridão no Brasil. Não iremos morrer, eu não vou morrer. Alguém ouviu as vozes das mulheres indígenas, outras mulheres ouviram, isto é importante. Vamos nos conhecer para nos entendermos (Pietra Dolamita)

Com essa fala, inicio a apresentação desta edição especial da Revista Diversidade e Educação. A indígena Pietra Dolamita, mestra, que resiste em nossas universidades para nos ensinar que podemos ter uma Educação mais humana e mais plural, diversa e inclusiva, se refere às trocas realizadas no Seminário das Mulheres, do qual esse conjunto de artigos também retratam as discussões e trocas realizadas.

A edição especial da Revista Diversidade e Educação, que o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola da Universidade Federal do Rio Grande do Rio Grande – FURG, do qual eu também faço parte é apresentada, corresponde a uma parceria do *IV Seminário das Mulheres- do Campo, das águas, florestas e cidades*, que aconteceu em junho de 2019, em São Lourenço do Sul/Campus da FURG. Permitam que eu repita esse pedido de uma mulher indígena: o de nos conhecermos e de nos entendermos, como mulheres tão diversas – mulheres do campo, das águas, florestas e cidades.

Iniciamos essa edição com uma entrevista feita pela organizadora – Graziela Rinaldi da Rosa – com *Kuawá Kapukay Apurinã* – Pietra Dolamita, do Povo Apurinã – Aldeias: Kamicuã- Boca do Acre e Boa União- Pauíni- AM. Bacharela em Direito, Mestra em Educação (IFSul) e Mestra em Antropologia Social (UFPEL), e graduanda em Artes Visuais (UFPEL). Na entrevista Pietra fala sobre o que ela pensa sobre *feminismo e*

se podemos falar sobre “feminismo indígena”. Explica qual a sua relação com o Seminário das Mulheres que acontece em São Lourenço do Sul, e sobre a relevância desses encontros para as mulheres indígenas. Discorre acerca da atuação das mulheres indígenas na Luta pela terra e conservação da Natureza, e saberes de seu povo, as Relações de Gênero nas comunidades indígenas, o protagonismo das Mulheres indígenas, das principais reivindicações das mulheres indígenas na atualidade, como se dá a educação de meninas indígenas, e se existem projetos na comunidade indígena que incentivem o protagonismos das mulheres indígenas. Pietra nos fala sobre o “bem viver”, e a relação dele com a sexualidade e as questões de gênero, como os povos tradicionais indígenas lidam com a questão do homossexualismo nas comunidades e na sociedade, de maneira geral, e ainda, se há diferenças entre a concepção de bem viver para homens e mulheres, ou é um desejo comunitário, e como os povos tradicionais indígenas lidam com os sujeitos LGBTQ+ nas comunidades, e ainda, se a violência de gênero é um problema para as comunidades indígenas.

O Seminário tem acontecido desde 2015, e tem oportunizado momentos em que diferentes mulheres se encontram para discutir diferentes temas que estão relacionados aos seus cotidianos, sua vida pública e privada, como por exemplo, sexualidades, violências, suas relações com o mundo do trabalho, educação, saúde, relações de gênero, religiosidades, ancestralidade, pertencimentos...

Essa edição especial da Revista, demonstra a diversidade de mulheres que tem atuado e participado desses encontros, que contam com a coordenação de mulheres, militantes feministas, e são organizados pelo *Coletivo Feminista Dandaras/FURG*, em parceria com diferentes lideranças, grupos de mulheres, sindicatos e associações comunitárias, movimentos sociais, instituições governamentais e não governamentais. Temos tido a importante parceria com diferentes lideranças das Marchas, como da *Marcha Mundial das Mulheres*, *Movimento Sem Terra*, *Comitê de Gênero do MST*, *Mulheres da Via Campesina*, da *Marcha das Margaridas*, *Marcha das Mulheres Indígenas* e representantes da *Marcha das Mulheres Negras*, Parada LGBTQs, entre outras. Também contamos com o envolvimento e a presença de mulheres de povos tradicionais, como as indígenas, pomeranas, quilombolas, mulheres da cadeia produtiva da pesca, ciganas, pecuaristas, ribeirinhas, agricultoras familiares, mulheres benzedadeiras e de povos de terra.

Nesse sentido, as escritas que compõem esse dossiê não somente remetem a essa diversidade de mulheres, e se propõem a pensar *classe, raça, gênero*, como também são

escritas construídas por elas. Temos artigos de mulheres negras, mulher indígena, agricultora familiar, quilombola... Aqui suas vozes ecoam não somente para o âmbito acadêmico, mas também para as comunidades, pois esse trabalho é construído a partir de uma educação popular, pública e de qualidade, que constrói com a base caminhos para um *bem viver para nosotras*¹. Todos os textos foram escritos a partir de suas falas e atuação no Seminário das Mulheres.

Na sessão *Diversidade em Debate* os textos contemplam a diversidade étnico-racial presente na Universidade, bem como as nossas tentativas de aprendermos com ela, enquanto pesquisadoras e estudiosas do campo da Educação. Nessa perspectiva a antropóloga Rosane Rubert, professora da Universidade Federal de Pelotas/RS nos e Leandra Ribeiro Fonseca, mestranda em Antropologia, relatam o encontro de três mulheres quilombolas, que são lideranças em suas comunidades. Rosane nos apresenta suas condições de vida e experiências de articulação política similares, a partir da identidade comum de mulheres quilombolas. A educadora Marielda Medeiros, nessa mesma perspectiva nos apresenta sua autoetnografia, e com conhecemos os desafios e a luta de uma mulher negra e militante do movimento de consciência negra.

Elaine Cristina do Nascimento, Fabio Pereira Cabral e Lucas Santos Cerqueira, escrevem sobre a interseccionalidade de raça e gênero no acesso ao mercado de trabalho, a partir de uma breve análise dos dados do IBGE (2016).

Georgina Helena Lima Nunes, professora associada do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Pelotas escreve em seu texto intitulado *Mulheres de Povos Tradicionais, Mulheres Negras e Educação: diálogos e autorias* sobre as discussões decorrentes de trabalhos acadêmicos apresentados no *IV Seminário das Mulheres*, na condição de uma das coordenadoras do Simpósio Temático denominado Mulheres de Povos Tradicionais, Mulheres negras e Educação.

A historiadora Bianca Caetano, compartilha suas reflexões sobre o processo vivido do estágio supervisionado do Curso de Licenciatura em História, problematizando as desigualdades de gênero, que são produzidas e reproduzidas no espaço escolar na disciplina de história.

Patricia Krieger Grossi, PhD em Serviço Social, U of Toronto, Canadá. Professora do curso de Serviço Social da PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil, *Simone*

¹ Falo em espanhol, pois somos mulheres latinoamericanas, mas não apenas por estarmos nesse território, e sim por termos similitudes em nossos cotidianos e em nossas resistências e movimentos, lutas. Nesse sentido, o bem viver diz respeito a pensar estratégias de termos uma sociedade melhor para *nosotras*, que não nos explore, não nos violente, maltrate, nos mate e nos silencie.

Barros de Oliveira, Doutora em Serviço Social. Professora Adjunta da UNIPAMPA, São Borja, *Eliane Moreira de Almeida*, Bacharela em Serviço Social. Mestranda em Serviço Social da PUCRS, e *Ana Caroline dos Santos Ferreira*, Bacharela em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará, falam sobre “Mulheres quilombolas e políticas públicas”, realizando uma análise sobre o racismo institucional.

Também falando sobre Mulheres Quilombolas, Graziela Rinaldi da Rosa, PhD em Educação. Professora Adjunta do Instituto de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande, Michaella Sant’Anna, estudante do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/FURG e a quilombola Adriana da Silva Ferreira, do Quilombo da Coxilha Negra apresentam alguns resultados de uma pesquisa-ação participante, realizada com apoio da FAPERGS/CNPq, e que se propôs a conhecer as mulheres que vivem nos cinco quilombos de São Lourenço do Sul/RS, e apresentam o que as mulheres pensam sobre “ser mulher-negra quilombola”, suas histórias de vidas, e seus relatos sobre a realidade social delas, com relação a trabalho, educação, saúde, relações de gênero, e os protagonismos em suas comunidades.

Na sessão *Cotidiano da Escola*, iniciamos com uma importantíssima reflexão sobre “Maternidade e Produção Científica”, em que *Andressa Aita Ivo*, professora adjunta da Universidade Federal de Santa Maria e *Caroline Foggiano Ferreira*, fazem uma análise dos editais de fomento à pesquisa nas Universidades públicas do Rio Grande do Sul.

Ana Paula Grellert, Pedagoga da Universidade Federal do Rio Grande/FURG e Mestra em Educação, escreve sobre “A Educação popular como perspectiva educacional do Seminário das Mulheres do campo, das águas, das florestas e cidades da FURG –Campus São Lourenço do Sul”. Nesse artigo, a autora conta a história do Seminário, e destaca a concepção de Educação Popular na perspectiva de Paulo Freire como fio condutor das discussões e como fundamento das práticas advindas do Seminário.

Maria de Fátima Nascimento Urruth- Kuawá Apurina, indígena, mestra em Antropologia e Educação, e Jorge Eremites de Oliveira, doutor em História nos apresentam as narrativas das mulheres e homens indígenas, e as suas percepções sobre a violência que enfrentam cotidianamente, suas lutas, seu modo em busca do *bem viver* e a relação parental com a terra como parte si mesmo/a.

Por fim, na sessão Espaços Educativos, temos o último conjunto de artigos que versam sobre outros espaços educativas e sobre práticas educativas comunitárias. Nessa

perspectiva, Janine Corrêa Gomes, líder do Coletivo Feminista Dandaras/FURG; Licenciada em Educação do Campo/FURG, e pós-graduanda em Educação do Campo, nos apresenta como vem trabalhando a arte do Stencil em oficinas de Stencil feminista.

No artigo intitulado “*Mulheres Negras contando suas próprias histórias: trajetórias de ativistas negras no Rio Grande do Sul*”, Vanessa Rodrigues da Silva, que é mestranda pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGH/UFRGS, compartilha parte de sua pesquisa intitulada “*Por Diferentes Caminhos chegamos ao Movimento de Mulheres Negras: Trajetórias de Ativistas negras da década 1980 no Rio Grande do Sul*”, que investigou a trajetória de três ativistas negras do RS, com o objetivo de visibilizar e reconhecer através da história oral, a atuação dessas mulheres no interior dos movimentos sociais.

Angelita Vargas Kolmar, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em seu artigo intitulado “*Concepções e Práticas Pedagógicas de professoras de escolas rurais multisseriadas de São Lourenço do Sul/RS (1970-1980)*”

Fabiani Figueiredo Caseira, Licenciada em Ciências Biológicas e Mestre em Educação em Ciências, juntamente com a professora Dra Joanalira Corpes Magalhães, do Instituto de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande/RS; Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática – CEAMECIM, líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE, escrevem sobre as “*Meninas e Jovens nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação: Atravessamentos de Gênero e Ciência em alguns artefatos*”. Nesse texto, as autoras analisam alguns materiais produzidos a partir dos projetos que fizeram parte da chamada Meninas e jovens fazendo ciências exatas, engenharias e computação 18/2013. Trata de um trabalho produzido dentro da vertente pós estruturalista, dos estudos feministas da ciência, em que as autoras investigaram os projetos contemplados, o currículo lattes das/os pesquisadoras/as, e mapearam os projetos que possuíam página na *internet*, a fim de analisar os artefatos culturais, produzidos pelos projetos e disponibilizados no endereço eletrônico dos mesmos, analisando as Histórias em Quadrinhos (HQ) e os almanaques, por consideraram que tais artefatos são interessantes para serem utilizados nas escolas enquanto ferramentas didático-pedagógicas para discussão das questões de gênero e ciência.

Certamente, ouvir as vozes dessas mulheres – do campo, das águas, florestas e cidades, as mulheres negras, e de povos tradicionais, nos fazem repensar nossas práticas pedagógicas e comunitárias, além de nos mostrar o quanto elas têm a nos ensinar.

Também, ouvi-las implica aprender a desnudar-se, soltando as amarras do sistema patriarcal, androcêntrico, patriarcal, eurocêntrico, homofóbico, xenofóbico, racista e classista que nos é imposto cotidianamente. E para isso, precisamos aprender a nos conhecer e então nos entendermos, como nos ensinou a indígena Pietra Dolamita.

Graziela Rinaldi da Rosa
Organizadora da Edição Especial